

FORMULÁRIO DE CADASTRO DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto	Negar: a <i>Libertação dos Escravos</i> no campo dos discursos
Coordenador	Walker Douglas Pincerati
E-mail institucional do coordenador	walkerpincerati@unipampa.edu.br
Palavras-chave	Negação, Silêncio, Liberdade, Racismo, Discurso, Pintura.
Projeto apresenta caráter inovador	() Sim (x) Não
Projeto requer avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ou Comitê de Ética no uso de Animais (CEUA)	() Sim (x) Não
Geração de resíduos	() Sim (x) Não

Resumo (somente texto até 3.000 caracteres)

Objetiva-se avançar na problematização do par opositivo *branco.negro* como simétrico ao par *são.louco*, tomando como objeto de análise o quadro *Libertação dos Escravos* (1886-1889), de Pedro Américo. O estudo será realizado no campo dos discursos, mormente de orientação retórica e foucaultiana. Encara-se o quadro como um testemunho da formação e instanciação do discurso racista no Brasil em consonância com a genealogia do racismo, ou seja, como desdobramento do discurso da guerra. Atentar-se-á nele ao que se dá a ver naquilo que não se diz e que significa de outro modo, uma vez que se trata de uma alegoria. A partir dessa visão, as formas de negação serão estudadas comparativamente em textos que pautem ele ou seu tema desde o ponto de vista linguístico, discurso e psicanalítico como marcadores de desvios que possibilitam especificar formas de silêncios que constituem essa oposição, pois o silêncio mais a negação são apontados em diversas pesquisas como característicos do racismo brasileiro. Espera-se escutar no fio dos discursos ecos de fórmulas que atualizam a dialética das oposições *razão.deszarão* e *superior.inferior* no par *branco.negro*. Tratando-se de discursos, a história da arte e das técnicas da iluminação serão observadas a propósito. Com o mesmo propósito, as histórias da loucura e das imagens da loucura, bem como as do negro, do negro no Brasil, logo a do Brasil serão consultadas para entrever e analisar o jogo simbólico em causa na *Libertação*.

Introdução

Objetiva-se avançar no estudo da formação do discurso racista brasileiro. Buscar-se-á o nexo que tem emergido em trabalhos anteriores (cf. PINCERATI, 2016; 2017) de que há uma forte aliança entre as figuras do 'louco' e do 'negro'; nexo esse que se esboça nos estudos históricos que localizam nas estruturas de exclusão as populações louca (FOUCAULT, [1961] 1972/2003) e negra (SANTOS, 2002; SCHWARCZ, STARLING, 2015). Até hoje tais populações são controladas; de tal modo que se torna questionável a ideia de ter havido, para ambas, libertação. O trabalho de Michel Foucault ([1961] 1972/2003, p.459-503) já interrogou o alcance da noção de 'libertação' dos loucos como mito que marca o nascimento da Psiquiatria. De forma análoga, nesta pesquisa será interrogado o sentido da dita "libertação" dos negros escravizados.

Para avançar nessa direção, propõe-se, no tratamento desta temática, um estudo da negação no discurso. Esse estudo será realizado no campo dos discursos; campo que toma o discurso como efeito de sentidos entre interlocutores e tais efeitos têm sua opacidade histórica, logo ideológica porque constituem sujeitos e posições de sujeito numa dada sociedade numa dada historicidade com efeitos nos corpos. Sendo assim, a negação não será estudada só do ponto de vista linguístico, mas mais essencialmente do ponto de vista retórico afetado pela psicanálise, uma vez que o racismo (como se verá) não reside apenas no ato de dizer "não" ao negro, mas também no ato de não dizer não ao negro, de o negatizar, de dizer não ao próprio racismo, de apagar sua

história e “objeto”, de (se) silenciar e negar-lhe um lugar na economia, na história, na memória, na cultura e, também, em sua relação ao corpo próprio.

Tais negações têm efeitos psicológicos e psíquicos, derivando no que Franz Fanon ([1952] 2008) chamou de alienação; precisamente, de “epidemiação da inferioridade”: a assunção pelo próprio negro de que é um ser inferior e de que seu destino é (ser) branco. (*Ibid.*, p.28.) Fanon entende que escapar ou se desvencilhar desse processo implica num “processo de desalienação”, isto é, “[...] uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais.” (*Ibid.*) Afinal, ele escreve, “só há complexo de inferioridade após um duplo processo: (i) inicialmente econômico e (ii) em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade.” (*Ibid.*)

Ora, essa “epidermização” não decorreria de uma semântica das cores que afeta os corpos por ser condicionante de percepções, sensibilidades e experiências edificadoras de uma história? E, esse processo de desalienação não consistiria, dizendo freudianamente, numa “suspensão (*Aufhebung*) do recalque”? (Sobre a noção de ‘suspensão de recalque’ em relação à ‘negação’, ver FREUD, [1925] 2014; e, ainda, PINCERATI, 2015, p.41-58.) Implica, portanto, num estudo e análise das peculiaridades históricas considerando os apagamentos que sofrem e aquilo que não foi simbolizado. É neste ponto que a psicanálise vem a propósito (cf. DE LEMOS, 2017; MILÁN-RAMOS, LEITE, AIRES, 2017) porque entende que o ‘sujeito’ é efeito da incidência da materialidade significativa no corpo, estruturando, com isso, processos de alienação, e que, se há linguagem e se há inconsciente, então a historicidade não é o que se espera.

Se é assim, deve-se dizer que a negação no discurso instaura nele a dimensão da dialética. Ou seja, abre-o à dimensão do jogo das verdades na dinâmica da argumentação, se se entender a ‘dialética’ segundo a tradição aristotélica, na qual é conceituada como “a arte de raciocinar a partir de opiniões geralmente aceitas” (PERELMANN E OLBSTRECHTS-TYTECA, [1952] 2017, p.5). Grosso modo, trata-se de uma tradição esquecida e silenciada durante séculos e que foi retomada na “nova retórica” por Perelman e Olbstrechts-Tyteca. Ela pôs novamente em jogo a análise e o estudo das opiniões e proposições aceitas em relação às evidentes, ambas necessárias aos estudos da deliberação.

Se a justificação do racismo não tem fundamento científico porque não há raça geneticamente determinada na espécie humana, então ele deve ser analisado no jogo de forças ideológicas (GOULD, [1991] 2014) constituído por proposições aceitas que descartam as evidentes. Nesse jogo entram em cena, pode-se dizer, desvios de linguagem na deliberação possibilitados pela negação, pelo silêncio e por determinadas figuras de linguagem. Nele pode-se entrever organizações do jogo discursivo que estruturam uma luta entre *brancos* versus *negros*. A história, nesse ínterim, faz escutar na luta ecos de outro discurso, aquele que instaura a guerra entre *uns* versus *os outros* (FOUCAULT, 1976 [1996], p.18, 46-47), a qual se desdobrou na guerra dos seres *superiores* contra os *inferiores*. Esse conflito se dá a ver a seguir.

De 1886 a 1889, o pintor paraibano Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) pintou *A Libertação dos Escravos*. Trata-se de uma tela a óleo monumental, de 140 por 200 cm, pertencente ao Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, depositada na Pinacoteca do Estado. Sua pintura insere-se no contexto da emergência no Brasil da chamada pintura histórica, “um gênero de primeira importância para a construção visual de uma história para a jovem nação.” (SÃO PAULO, 2013, p.51.)

Numa versão, pode-se dizer, “oficial” a pintura é tomada como uma alegoria que comemoraria as leis que libertaram os novos descendentes de escravos e que estipulavam a extinção gradual da escravatura no Brasil (SÃO PAULO, 2013, p.69). No dizer de outros, como Pinto Jr. (2010) e Amancio (2013, p.7), trata-se de uma alegoria da morte da escravidão, porque o anjo negro atrás dos “libertos” é um demônio morto, uma representação da escravidão vencida. No entanto, é possível entrever e escutar outros sentidos nessa imensa alegoria.



Reprodução fotográfica da obra *Libertação dos Escravos* (1889)

Fonte: BRANCO, 2012.

Note-se a composição das cores, a oposição de cores, o modo como os tons branco e negro desenham – pintam – delineiam os corpos. No plano superior a cor branca é a que ilumina toda a cena, bem como é branca a tocha do fogo da Vitória, à esquerda. A cruz fulgurante à direita é igualmente branca e está pintada como se o artista tivesse querido fazer surgir dessa cor as formas santas e a forma do sinal (do) santo. No plano central figura a corte igualmente branca mais a Liberdade, que, como que descendendo, pousa na base do quadro, na sua parte inferior, onde estão as figuras negras: um homem, uma mulher, uma criança e um anjo caído. Note-se, destarte, que o jogo de cores é constitutivo de toda a cena. Sinal disso, creio, está na iluminação dela: o sol que a ilumina é branco. Trata-se, esta imensa alegoria, de uma clara metáfora cristã: a da Guerra Santa.

Contudo, o discurso que expõe esse quadro fita outras coisas, silenciando-se sobre a significativa oposição *branco.negro*. Eis o que o Guia de Visitação deixa ler e, nessa leitura, o que deixa a ver:

Esta obra, esboço para uma pintura em grande formato jamais executada, tem sua gênese na encomenda do governo imperial em 1886. Fica evidente que a alegoria comemoraria leis como a do Ventre Livre (1871) e a Saraiva-Cotegipe (1885), que libertavam os novos descendentes de escravos e aqueles com mais de sessenta anos, estipulando assim a extinção gradual da escravatura no Brasil. Porém, esta encomenda não foi adiante. Em 13 de maio de 1888, a Princesa do Brasil, Dona Isabel – então regente da nação por ocasião da terceira viagem à Europa de seu pai, Dom Pedro II – assinou a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil. Não seria estranho imaginar que Pedro Américo fosse convidado a realizar uma alegoria sobre o ocorrido.

Ao centro, há um grupo de escravos – provavelmente pai, mãe e filho, agora libertos e ajoelhados diante de uma figura representando a Liberdade, que lhes rompe os grilhões. Atrás desse grupo, se vê um demônio morto, representação da escravidão defunta. Acima do demônio paira um grupo organizado em forma piramidal, composto de uma Vitória alada, que segura na mão direita uma tocha e que é sustentada por duas figuras: a Música e o Amor. Ao fundo e à direita, a cristandade está representada por uma cruz resplandecente carregada por um grupo de anjos. Organizadas

FORMULÁRIO DE CADASTRO DE PROJETO DE PESQUISA

em semicírculo, sentadas uma ao lado da outra em uma estrutura arquitetônica que lembra um teatro de arena, estão representações das províncias brasileiras. E ao centro, dominando o grupo, nota-se uma figura feminina sentada sobre um trono. Com base no cedro que ela carrega na mão direita e no manto de papo de veludo verde bordado de galão de ouro, é possível supor que se trate de uma representação da monarquia brasileira, que estaria presidindo aos acontecimentos com ar imperturbável [...]. (SÃO PAULO, 2013, p. 69; grifos e ênfases minhas).

Esse texto por si só levanta questões, dentre elas a de saber o que significa a *Libertação* nessa alegoria para alguém e além daquilo que o texto diz; sabendo-se que a alegoria (grego *allós* = *outro*; *agoutein* = *falar*) é um recurso em que se diz *b* para significar *a* (HANSEN, 2006, p.7). Ou seja, há um descompasso entre texto e quadro, entre o que se lê e o que se vê. Afinal, a que se deve esse desvio entre o sentido da tela e o do texto? O que se pode notar é que esse texto está construído com proposições que se querem verdadeiras e evidentes. Porém, uma análise revela uma estrutura que busca a aceitabilidade de um sentido específico.

A estrutura desse texto lança a um mistério: quem é a figura central? Esse mistério aponta a direção e o sentido do olhar de seu redator. Nesse movimento do olhar pode-se notar, primeiro, a eliminação do plano inferior do quadro. Nessa perspectiva, ele tem dois, não três planos. Ora, os “escravos” não podem figurar no mesmo plano de seus senhores. Há um desnível no quadro sobre o qual o texto se silencia... ou erra. Em segundo lugar, os redatores do texto não ignoram a importância das cores no quadro, mas só fazem ver aquelas que denotam as insígnias reais e se calam sobre as dos corpos. Qual o propósito desse silêncio em pleno museu? O texto dá a entender que ele apaga sentidos sobre a significação da *Libertação*.

Nessa pergunta, leva-se em consideração que o nome da mostra de longa duração, da qual o quadro faz parte, é *Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo* (grifo meu). O diretor executivo do museu, Marcelo Mattos Araújo, diz na abertura do Guia de Visitação da mostra que “o objetivo central” dela “é oferecer ao público [...] uma leitura da formação da visualidade artística e da constituição de um sistema de arte no Brasil desde o início do século XIX até meados dos anos 1930.” (*Ibid.*, p.2; grifo meu).

Para esboçar a direção do tratamento que se quer dar à questão acima, lembro duas teses que Eni Orlandi defendeu em *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (2002). A saber: (1) que o silêncio é fundante e (2) que ele é o real do discurso, ele é, ele é a significação e ele deve permanecer em silêncio. Ela afirma ainda que há duas formas de silêncio: a) o silêncio fundante e b) a política do silêncio, o silenciamento. “A primeira indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio, a segunda diz que – como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição de sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos. Isto produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos.” (*Op. cit.*, p.55).

A partir disso, pode-se pensar, com Freud (1925), haver uma ‘resistência’ nessa necessidade de não dizer; muito embora, deve-se pontuar, Orlandi não traga as noções freudianas para auxiliar em suas elaborações. Em primeiro lugar, está claro que a leitura da Pinacoteca conta *uma* história: a dos atos da família real. Ao mesmo tempo, dá a ver um recalcado: desvia olhar ao negro na história. Ou seja, o negro só pode vir ao plano da consciência, logo do discurso enquanto recalcado, logo negado; isto é, de uma forma desviada.

Por último, Orlandi diz que o silêncio não se torna visível, que é preciso observá-lo “indiretamente” por métodos (discursivos) históricos, críticos, des-construtivistas. “Não podemos observá-los senão por meio de seus efeitos (retóricos, políticos) e pelos muitos modos de construção da significação. Quando se trata do silêncio, nós não temos marcas formais mas *pistas*, “traços”. (*Ibid.*, p.47-48; ênfase da autora). Ora, se o discurso é efeito de sentido e o sentido é o real do discurso porque ele é, há nos textos da Pinacoteca um não dito necessário que diz respeito aos corpos e sua significação histórica. E é neste ponto que evoco Freud.

Há um erro; ou melhor, um lapso na leitura do quadro. O texto da Pinacoteca situa “o grupo de escravos” e a figura da Princesa, ambos, no centro. Isso é uma incongruência histórica e social. Os “escravos” estão – sim, pode-se dizer – no plano frontal, mas não no centro do quadro. Ora, dizer que o “grupo de escravos” – e não de “negros” ou de “libertos” – está no centro é, num certo sentido, direcionar o olhar à figura que está efetivamente no centro: a impávida e imperturbável Princesa. Ela, ademais, veste insígnias que atualizam outra

FORMULÁRIO DE CADASTRO DE PROJETO DE PESQUISA

representação: Dom Pedro II – seu Pai – O Imperador. As cores só são evocadas para assinalar que se trata dela no lugar d’Ele: “um manto **verde** bordado de galão de **ouro**.” Eis o jogo significativo que forma o mistério.

Aliás, escutemos o retorno do recalcado, isto é, aquilo que só pode aparecer no discurso consciente se e somente se desviado, negado e, por isso, deformado (ver a propósito PINCERATI, 2015, p.41-58). O nome do quadro que remeteria a uma história, acaba por desviar a outra: a da Princesa Dona Isabel, a Regente do Brasil. Não é à toa que no 13 de maio se comemora a **assinatura** da Lei **Aurea**, e nada se diz da luta e resistência dos escravizados no processo, nem do que ocorreu após essa data com eles. Pois é exatamente o que se lê em *Brasil: uma biografia*, das historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015, p.310):

Comemorada no estrangeiro como uma vitória do governo imperial, a Lei de 13 de maio foi recebida no Brasil, após a explosão inicial de júbilo, com muita expectativa, e se constituiu no ato mais popular do Império. Joaquim Nabuco – nessa época chamado de Príncipe da Abolição – escreveu em 23 de maio de 1888: “Está feita a abolição! Ninguém podia esperar tão cedo tão grande fato e também nunca um fato nacional foi comemorado tanto entre nós. Há vinte dias vive esta cidade um delírio [...]. A monarquia está mais popular do que nunca...”. Estava e não estava certo o famoso parlamentar. De um lado, há quem diga que a ausência de d. Pedro do país fora proposital, e que ele pretendia dar a Isabel a autoria do ato popular e pavimentar sua passagem segura para o Terceiro Reinado no Brasil. E a imagem pública de Isabel seria mesmo muito valorizada com a lei, sendo ela lembrada como “a redentora dos negros”. A própria maneira como a abolição foi apresentada oficialmente – como um presente e não como uma conquista – levou a uma percepção equivocada de todo esse processo marcado pelo envolvimento decisivo dos próprios escravizados na luta. A estratégia política implicava divulgar que eles haviam sido “contemplados” com a lei, recebido uma dádiva, e mais: precisavam mostrar apenas gratidão pelo “presente”, assim como ampliar e consolidar antigas redes de dependência.

Todo esse campo organizado por jogos de discursos configura-se em torno de negações complexas como artifícios que polarizam uns sentidos e resistem a outros, os quais são postos de lado – recalcados – e devem cair no esquecimento. A tela pintaria, para alguém da solenização do ato, não figuraria uma guerra milenar e espiritual entre a Vitória Branca *versus* o Demônio Negro? O silêncio audível na escrita e na leitura ofertada pela Pinacoteca não acaba por apagar e negar o evidente jogo opositivo e significativo das cores dos corpos dos homens, dos deuses e dos demônios, recalcando a significação que há nisso aos leitores e espectadores? Do ponto de vista da circulação silenciada do discurso das cores dos corpos, segundo o pensador caribenho Lewis Gordon (2008, p.14), a ideologia que ignora a cor apoia o racismo que nega. Com efeito, ele assevera, a exigência de ser indiferente à cor significa dar suporte a uma cor específica: a branca (*ibid.*). O antropólogo congolês radicado no Brasil, Kabengele Munanga, defende, em *As ambiguidades do racismo à brasileira* (2017, p.40), que o silêncio é, dentre outras de suas formas, uma característica do racismo brasileiro.

Contudo, Fanon, pensador revolucionário, psiquiatra e psicanalista martinicano preocupado com os efeitos do racismo em seu povo, diz que, mesmo que se reconheça a existência de peculiaridades nacionais relativas ao racismo, não devemos jamais nos esquecer que “a Europa tem uma estrutura racista.” ([1952] 2008, p.89). É, talvez, a isso que se deve remeter o “bovarismo” do brasileiro aludido por Schwarcz e Starling (2015, p.16-17), que o leva a “recusar o país real e a imaginar um Brasil diferente do que é”; que faz com que aqui se pratique um gênero de deslocamento do famoso “ser ou não ser” para “não ser é ser”. “Ou então, nas palavras de Paulo Emílio Sales Gomes, esse seria “a penosa construção do nós mesmos [que] se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro”. (*Ibid.*). Ser descendente de português, de espanhol, italiano, alemão... e (não) ser brasileiro, não reafirmaria a dialética racista?

Em suma, a estrutura e dinâmica do discurso remetem o racismo à estruturação da relação colonial. Afinal, o que significaria, em última instância, atribuir unicamente à alva Princesa o gesticulado da libertação? O que Pedro Américo deixa ver na tela sobre a significação desse gesto ao pintá-lo sob a forma da belicosa cristandade? Essas são questões a ser melhor exploradas neste projeto. Afinal, o que mantém e perpetua o silêncio sobre a significação desse gesto pintado no quadro? Como ler esse desvio entre texto e quadro? Pode-se depreender que há desvios possibilitados por uma negação complexa que nega o negro e seu corpo, que o negativa – como inferior e infernal – e que nega sua história e luta. Creio ser esse o mecanismo cujo estudo permitirá explicitar melhor a complexidade do discurso racista brasileiro que coloca *uns* contra *os outros*.

Justificativa

Em primeiro lugar é preciso reconhecer a antiguidade e atualidade do discurso da guerra, sobretudo na emergência da cibercultura. Nesse campo surgem novas formas de transmissão, circulação e funcionamento de mensagens, dos textos e de discursos. Dentre eles, destaca-se o racismo e o ódio manifesto em redes sociais. Nessas redes cultiva-se mais as opiniões do que as evidências. Estudar a retórica aliada ao racismo tem, então, uma relevância social e teórica porque dá sustentação ao estudo da dialética do negativo, tema muito atual.

A questão da complexidade da negação do racismo aos negros surge nesse ínterim. É detectada por autores de campos diversos (por exemplo, CAMINO et al, 2001; MUNANGA, 2017), bem como em trabalho recente (PINCERATI, 2016). Em primeiro lugar, a negação do negro – de sua cor, de sua história, de sua cultura, de sua memória e de sua visibilidade – em nossa história é um tema muito abordado por Schwarcz e Starling (2015). No que tange à libertação, contam que no processo de construção da República, concomitante ao da abolição, há a construção de políticas de branqueamento do país com o estímulo à imigração europeia e à inviabilização oficial da existência dos negros, de sua escravização, de suas lutas e condições. Dá-se continuidade ao abate da questão negra no Brasil (PINCERATI, 2008); abate que literalmente matou de trabalhar vários corpos negros até a interdição de seu tráfico. Com a construção da libertação, o abate, parece-me, passou ao plano discursivo, isto é, da organização simbólica da história, da política e, óbvio, da economia. Trata-se do processo de silenciamento que não coloca em pauta questões históricas, estruturais e psíquicas levantadas pelos negros e negras à ordem (sempre) vigente ao desviar as pautas a outros temas.

A atualidade do tema é notória e circula em revistas não especializadas de ampla circulação. Em texto publicado na revista *Veja*, de 22 de novembro de 2017, Fernando Henrique Cardoso afirma que, se, por um lado, a discriminação e o preconceito raciais existem, por outro, existe também sua “negação oficial”. Essa “dualidade”, assevera, caracteriza o “estilo de nossas relações raciais”, marcadas pela cor da pele, do tipo de cabelo, etc. e não pelo sangue, como ocorre nos EUA (CARDOSO, 2017, p.84). Seu texto, intitulado *Negros, preconceitos e ideologias*, faz coro aos demais do dossiê *Como é ser negro no Brasil*, organizado pela revista, o qual não cessa de mostrar que o silêncio é manifesto em diversas estatísticas oficiais e encomendadas. Elas demonstram a vigência de um paradoxo: o Brasil é um país racista com poucos racistas, porque os entrevistados reconhecem o racismo, mas não se reconhecem como racistas (VEJA, 2017, p.77-107). Cardoso pontua, então, a importância de se lutar contra a “insidiosa presença” do racismo no país, inclusive nos livros escolares e nas “múltiplas situações da vida brasileira”. Defende que isso deve ser feito denunciando “os disfarces da desigualdade que repetem que “entre nós não há preconceitos” [...]” (*Id.*, 2017, p.85; grifos meus).

Em suma, o dossiê atualiza um processo histórico. Por consequência, corrobora a vigência da política do silêncio, do abate e da negação complexa que perpetua. Este projeto parte dessas constatações para propor uma investigação da complexidade da negação tanto do ponto de vista da descrição linguística, como também de sua atualização na estrutura argumentativa, inclusive quando é silenciado ou apagado, isto é, quando o signo da negação não comparece. Nesta perspectiva, a investigação da alegoria soma-se ao propósito do estudo das sutilezas e desvios discursivos, já que se quer fazer cotejar pintura e texto.

Todo esse propósito não deixa de implicar uma análise psicológica, cujo propósito é levantar ou suspender o recalque que abate, reforça e naturaliza o ‘negro’ como metáfora do corpo do ser infernal (PINCERATI, 2016) e inferior (SANTOS, 2002). Trata-se de encarar a proposta de Fanon ([1952] 2008) de promover um “processo de desalienação do negro”, explicitando em que planos se dá sua negatividade pelo branco. Essa é uma proposta consonante com a do livro *Racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* (2017), em cuja abertura a psicanalista Noemi M. Kon faz uma proposta audaciosa:

Penso que é mais do que hora de avançarmos em direção a uma psicanálise brasileira, que teria o dever de desenterrar, de tirar de sob os escombros do recalque e da denegação, as marcas que instituíram nossa nação, facultando a narrativa das agruras específicas e singulares dessa história sempre atual, abrindo espaço para a reflexão e a metabolização das dores infligidas reiteradamente pela colonização, escravidão e exploração de nosso povo, desacomodando-nos do lugar de vítimas e de algozes, restituindo nossa potência ativa e integridade, valorizando toda e qualquer história pessoal em sua diversidade. (KON, 2017, p.28)

Importante, neste ponto, evocar a importância dada à psicanálise por Foucault ([1961] 1972/2003, p.338) na história da loucura. Com Freud, ele afirma, ocorreu “a violência soberana de um *retorno*. [...] Freud retomava a loucura ao nível de sua *linguagem*, reconstituía um dos elementos essenciais de uma experiência reduzida ao silêncio pelo positivismo.” Foucault assevera isso porque na psicanálise se exerce uma clínica da escuta daquilo que escapa à consciência. O silêncio do positivismo, ao apagar a dimensão da dialética na deliberação, reduzindo a verdade a um cálculo lógico-formal, instaurou e perpetuou o par opositivo *razão.desrazão*, colocando o louco como flagelo social (p.e., ARBEX, 2013) e a “doença mental” – um oxímoro – como doença orgânica. Então, esse silêncio é responsável pela oposição *são.louco*, assombrou os modernos ao colocar, por exemplo, a loucura ao lado da morte, como testemunha a história das imagens da loucura (QUETEL, 2010). Essa mesma história aproximou a loucura ao campo infernal, do crime, da desordem (Foucault, [1961] 1972/2003). Pois não é esse o campo semântico que se configurou como *negro*? A iluminação na pintura constitui-se como indício que deixa ver que na construção das alegorias pictóricas da loucura e da negrura a oposição *branco.negro* é significativa e torna sensível a oposição significativa *santidade-beatidade-superioridade-positivação* versus *inferioridade-condenação-impureza-negativação*. Eis porque a análise do quadro de Pedro Américo e o estudo de sua arte na história se fazem necessários a este projeto.

Esta iniciativa inscreve-se nos esforços, executados no plano internacional, para combater o racismo, a intolerância, a xenofobia e a discriminação racial. Precisamente, a Assembleia Geral das Nações Unidas, por meio da Resolução 68/237, de 23 de dezembro de 2013, promulgou a *Década Internacional dos Afrodescendentes*, que se estende de 1º de janeiro de 2015 a 31 de dezembro de 2024. Seu lema é *Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento* (UNITED NATIONS, 2014a). A promulgação parte das comprovações de que os afrodescendentes ainda têm acesso limitado e desqualificado à educação, saúde, moradia e seguridade social, e que “sua situação permanece invisibilizada e insuficientemente reconhecida, bem como não são respeitados seus esforços para remediar e compensar sua condição presente.” (UNITED NATIONS, 2014b, p.3.) Conclama, na Resolução 69/16, de 18 de novembro de 2014, todos os países membros à adoção concreta e efetiva implementação de instrumentos, políticas e programas de combate e eliminação do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e da intolerância (*ibid.*, p.4, 5). Dentre as ações previstas, então o exame acusado de fatos históricos “de modo a evitar a perpetuação de estereótipos e a distorção ou a falsificação desses fatos” (*ibid.*, p.6). Note-se que o estudo da negação e do silêncio objetiva, justamente, desvendar os mecanismos de formulação dos estereótipos, das distorções e das falsificações.

Por último, deve-se atentar que o Projeto de Desenvolvimento Institucional (2014-2018) desta Universidade tem como valor institucional o compromisso de trabalhar a temática dos direitos humanos no âmbito local, nacional e internacional (UNIPAMPA, 2014, p.13-14, 16, p.26-27); compromissos que estão materializados no Capítulo II da Resolução 161, de 31 de outubro de 2016 (*id.*, 2016, p.2). Uma vertente desse compromisso se traduz em promover saberes atinentes ao que determinada a lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que determina o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira, o estudo da luta dos negros no Brasil, da cultura negra brasileira e do negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003). O Curso de Letras – Português, Licenciatura a Distância, por meio de seu projeto político-pedagógico, estabelece a obrigatoriedade de trabalhar os temas transversais, dentre eles o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão (UNIPAMPA, 2017, p.42-43). O Grupo de Pesquisa L.E.Ciber, perseguindo esse propósito, objetiva o aprofundamento teórico e analítico dos discursos na cibercultura, marcados por manifestações bélicas nas redes sociais. Esta pesquisa soma-se a todos esses esforços ao propor o estudo linguístico-discursivo do recálculo, do silêncio e do complexo de negações e denegações que atualizam o racismo.

Objetivos

O objetivo geral é o de avançar na análise da *Libertação dos Escravos* como testemunho do processo histórico de constituição do discurso racista brasileiro e como centro de uma produção artística e discursiva

FORMULÁRIO DE CADASTRO DE PROJETO DE PESQUISA

maior, partindo do estudo do complexo de negações e da semântica que significam a cor e o corpo negro, colocando ambos no lado esquerdo do par *razão.desrazão*. Para realizá-la, estipula-se, de um lado, como objetivos específicos, o estudo (a) da pintura como testemunho histórico, (b) das histórias da arte, do negro e do Brasil do século XIX, (c) da semântica das cores e do papel da iluminação na história da arte, mormente na obra de Pedro Américo. De outro lado, objetiva-se o estudo (d) da alegoria como recurso de linguagem que possibilita dizer *b* para (não) significar *a*, (e) da dialética inscrita no racismo e sua história, que se atualiza como discurso da guerra, (f) do modo como isso se faz presente no Brasil do século XIX e, ainda, (g) o estudo da negação e de sua complexidade e silêncios, desde o ponto de vista linguístico-discursivo afetado pelas contribuições psicanalítica ao tema. Espera-se, com isso, (h) avançar do estudo da aliança ‘louco’ e ‘negro’ e no estudo das formas e fórmulas de negações discursivas do racismo.

Material e Métodos

Por ser discursiva, a pesquisa começará com uma revisão bibliográfica de estudos em artes, como Burke ([2001] 2017), Coli (2010), Figueiredo e Melo (2006), Wittgenstein (2009); (b) sobre a história do racismo e da loucura, com Foucault ([1961] 1972/2003; [1975-76] 1996) e Quétel ([2009] 2012), Gould ([1991] 2014); (c) sobre a história do Brasil e do negro, com trabalhos de Sidney Chalhoub e Schwarcz e Starling; (c) sobre a negação linguística, com Miestamo (2007) e Miotto (1991); (d) sobre a negação na psicanálise, com Fanon ([1952] 2008) e Freud (1925), levando em conta as formulações de Lacan e Hyppolite; e (e) sobre a negação e o silêncio, com Orlandi (2002)], por exemplo, e (f) sobre a alegoria, com Hansen (2006) e Perlemaann & Olbrechts-Tyteca ([1952] 2007), sendo que o último volta-se à ‘dialética’.

Resultados Esperados

Analisar e refletir sobre a negação como mecanismo discursivo constitutivo do racismo, explorando a relação entre a loucura e a negritude. Nessa análise, problematizar a interpretação da alegoria *Libertação dos Escravos*, de Pedro Américo, como centro de uma produção discursiva maior organizada via negação. Avançar no estudo da problematização do silêncio e da negação sobre a ‘libertação’ negra e seus efeitos nos corpos. Contribuir e fortalecer aos estudos de discursivos no LECiber, ao formar uma base de saber pressuposto à consolidação da linha de pesquisa *Análise de Discursos na Cibercultura* desse grupo.

Referências

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração
- BURKE, Peter (2001). **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Ed.Unesp, p.2017.
- SANTOS, Gisele dos. A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- BRANCO, Eduardo. **Pedro Américo** – Estudo para Libertação dos Escravos, 1889. Fotografia, color., tirada em 23 de junho de 2012. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/brutamonte/7454142144/in/photostream/>. Acesso em: 15 mai. 2015.
- CAMINO, L. et al. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Psicologia Política** 1, p. 13-36, 2001. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/artigos_pub/artigo_4.pdf. Acesso em: 01/11/2017.
- COLI, Jorge. **Corpo da liberdade**: reflexões sobre a pintura do século XIX. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. O Moisés de Freud e o Joyce de Lacan: o pedestal e o escabelo. In: J. G. Milán-Ramos, N. V. A. Leite, S. Aires (orgs.), **A historicidades não é o que se espera**: caso, ficção e poesia em psicanálise. Campinas: Mercado de Letras, p.271-282, 2017.
- FANON, Franz. (1952). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO E MELO, Pedro Américo. **Considerações filosóficas sobre as belas-artes entre os antigos**. Ed.UFPb, 2006.
- FOUCAULT, Michel ([1961] 1972). **História da loucura na idade clássica**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p.459-504.
- _____. (1975-1976). A genealogia del racismo (*Il faut défendre la société*). Buenos Aires: Altamira, 1996.
- FREUD, Sigmund (1925). A negação. Trad. M. Carone; textos, V. Safatle, N. da Costa e A. R. Raggio. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.18-29
- GORDON, Lewis. Prefácio. In: F. FANON, **Pele negra, máscaras brancas** (1952). Salvador: EDUFBA, 2008, p.11-24.
- GOULD, Stephen Jay (1991). **A falsa medida do homem**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo/Campinas: Hedra/Edunicamp, 2006.
- KON, Noemi Mortiz. À guisa da apresentação: por uma psicanálise brasileira. In: N. M. Kon, M. L. da Silva e C. C. Abud (orgs.), **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.15-29.
- MIESTAMO, Matti. Negation – an overviem of typological research. **Language and Linguistics Compass** 1/5, p.552-570, 2007.

FORMULÁRIO DE CADASTRO DE PROJETO DE PESQUISA

- MIOTO, Carlos. **Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática**. Tese (Dourado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MILÁN-RAMOS, José Guillermo, LEITE, Nina Virgínia de Araújo, AIRES, Suely. (orgs.). **A historicidades não é o que se espera**: caso, ficção e poesia em psicanálise. Campinas: Mercado de Letras, 2017.
- MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: Noemi Moritz Kon, Maria Lúcia da Silva e Cristiane Curi Abud (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.33-44.
- ORLANDI, Eni. **As formas de silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Edunicamp, 2002.
- PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (1958). **Tratado da argumentação**: nova retórica. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- SÃO PAULO (Estado). Pinacoteca do Estado. **Arte no Brasil**: uma história na Pinacoteca de São Paulo. Coord. ed. J. S. Ayerbe, textos V. Piccoli e G. Hannud. 2. ed. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013. Guia de Visitação.
- PINCERATI, W. D. “Posições perigosas” – igualdade versus diversidade: debate, embate e abate da *questão negra* no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 50(2), p.231-246, 2008.
- _____. O retorno do recalcado. In: **Em busca do mecanismo psíquico da psicose**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.
- _____. Negro é o inferno! Um ensaio sobre as cores dos homens, dos demônios e dos deuses. **Working Papers em Linguística** 17, n.2, p.46-71, out.2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2016v17n2p46>. Acesso em: 10 dez. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2016v17n2p46>.
- _____. Silêncio na Pinacoteca: Estudo para *Libertação dos Escravos* no campo dos discursos. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Análise do Discurso, Política e Resistência* no I Simpósio em Análise do Discurso na UFPel, 2017.
- QUETEL, Claude. **Images de la folie**. Paris: Gallimard, 2010.
- _____. (2009). **Histoire de la folie**: De l'antiquité à nous jours. Paris: Tallandier, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia. Moritz STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- UNIPAMPA. Conselho Universitário. Resolução 71, de 27 de fevereiro de 2014. Bagé, 2014.
- UNIPAMPA. Conselho Universitário. Resolução 161, de 31 de outubro de 2016. Bagé, 2016.
- UNIPAMPA. Coordenação do Curso de Letras Portugueses, Licenciatura a Distância. Projeto Pedagógico de Curso. Jaguarão, 2017. (Entra em vigor em 2018).
- UNITED NATIONS. General Assembly. A/RES/68/237. Resolution adopted by the General Assembly on 23 December 2013 [without reference to a Main Committee (A/68/L.34)]. Proclamation of the International Decade for People of African Descent. 68ª session. 72nd plenary meeting. [S/l.]. 2p. 7 February 2014a. Disponível em: http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/68/237. Acesso em: 15 out. 2015.
- _____. General Assembly. A/RES/69/16. Resolution adopted by the General Assembly on 18 November 2014 [without reference to a Main Committee (A/69/L.3)]. Programme of activities for the implementation of the International Decade for People of African Descent. 69ª session. [S/l.]. 12p. 1 December 2014b. Disponível em: http://www.un.org/en/events/africandescentdecade/pdf/A.RES.69.16_IDPAD.pdf. Acesso em: 15 out. 2015.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Anotações sobre as cores**. Ed. bilíngue. Campinas: Edunicamp, 2009.

Parcerias

Nome da Pessoa ou Instituição*	Descrição da Participação

Cronograma de Atividades

2018												
Descrição da Atividade	JAN	FEB	MAR	ABR	MAY	JUN	JUL	AUG	SET	OCT	NOV	DEZ
Revisão bibliográfica das formas da negação na estrutura gramatical e do silêncio			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Estudos sobre a história do racismo		01	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Redação do primeiro relatório parcial								X	X	X	X	X
2019												
Descrição da Atividade	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D

FORMULÁRIO DE CADASTRO DE PROJETO DE PESQUISA

	A N	E V	A R	B R	A I	U N	U L	G O	E T	U T	O V	E Z
Estudo sobre formas da negação na estrutura argumental e sobre a negação, a resistência e o silêncio na psicanálise	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Estudo da história do negro no Brasil	X	X	X	X	X	X	X	X				
Redação do segundo relatório parcial								X	X	X	X	X
2020												
Descrição da Atividade	J A N	F E V	M A R	A B R	M A I	J U N	J U L	A G O	S E T	O U T	N O V	D E Z
Estudo na história da arte da oposição de cores e na iluminação em relação à alegoria em relação à figuração do negro e da loucura	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Estudo e análise da alegoria na retórica e na arte de Pedro Américo					X	X	X	X	X	X	X	X
Redação do terceiro relatório parcial							X	X	X	X	X	X
2021												
Descrição da Atividade	J A N	F E V	M A R	A B R	M A I	J U N	J U L	A G O	S E T	O U T	N O V	D E Z
Análise da alegoria, das cores e da negação no quadro de Pedro Américo como testemunho	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Redação do relatório final	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Plano de Aplicação de Recursos

Grupo/Tipo de Despesa	R\$	Fonte de financiamento: Edital externo/ Edital interno/ Sem fonte definida (explicitar)
DESPESAS DE CUSTEIO		
Auxílio financeiro a estudantes (bolsas)	-	Sem fonte definida
Diárias	-	Sem fonte definida
Material de Consumo	-	Sem fonte definida
Passagem e Despesas com locomoção	-	Sem fonte definida
Serviço de Terceiros – Pessoa Física	-	Sem fonte definida
Serviços de Terceiros – Pessoa Jurídica	-	Sem fonte definida
Total Custeio		
DESPESAS DE CAPITAL		
Equipamentos e Material Permanente	-	Sem fonte definida
Total Capital		
TOTAL GERAL		

Outras informações relevantes